

Estava imenso frio, marcámos encontro às sete e um quarto na estação de Queluz.

Eu não sou daquele tipo de pessoas absurdas que adoram os relógios e que os veneram como a divindades indestrutíveis.

Eu sei perfeitamente que o tempo é elástico e que se se diz sete e um quarto isso pode significar sete e meia, aliás, eu sou um tipo flexível e sempre fui tolerante.

No entanto há coisas que nem mesmo um liberal como eu poderá alguma vez aceitar, que eu chegue a horas aos encontros também obriga aos outros a fazer a mesma coisa. Mas isto só até a certo ponto e concordarão comigo que este ponto existe.

Já disse que estava um frio horrível e que nessa estação soprava uma ventania impossível.

Sete e meia, vinte para as oito, dez para as oito, oito horas.

É perfeitamente lógico que me perguntem porquê é que não me fui embora. É simples, quando necessito fazer uma coisa, faço-a.

Tínhamos marcado encontro às sete e um quarto e nunca me passaria pela cabeça faltar a esse encontro.

Oito e um quarto, oito e vinte, oito e vinte e cinco, oito e meia e nunca mais aparecia, eu estava completamente gelado doiam-me os pés, as mãos, o peito e os cabelos. Na realidade se eu tivesse vestido o meu sobretudo azul talvez nada disto tivesse acontecido, mas os desígnios do destino são misteriosos, quando saía às três da tarde nada fazia prever o vendaval que se levantou.

Vinte e cinco para as nove, vinte para as nove, um quarto para as nove. Estava regelado e roxo.

Ele, soaram dez para as nove, calmamente, sorrindo, e trazia vestido um sobretudo e umas luvas quentinhas e assim sem mais nem menos disse:

-Olá! tás bom?

Eu não pude deixar de o fazer, empurrei-o para baixo do comboio que ia passar.